



FAPERJ



sdjlb

uma antologia

organização
Renato Rezende,
Roberto Corrêa dos Santos
e Sergio Cohn





organização

RENATO REZENDE, ROBERTO CORREA DOS SANTOS
e SERGIO COHN

pesquisa de imagem

SERGIO COHN

projeto gráfico e tratamento de imagem

TIAGO GONÇALVES

equipe azougue

EVELYN ROCHA, RAFAELA DOS SANTOS,
TIAGO GONÇALVES e WELLINGTON PORTELLA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S957

Suplemento dominical do Jornal do Brasil - 1958-1961 / organização Sergio
Cohn , Renato Rezende e Roberto Corrêa dos Santos . - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2016.
100 p. : il. ; 35 cm.

ISBN 978-85-7920-207-0

1. Jornal do Brasil - Periódicos - História. 2. Suplemento dominical
do Jornal do Brasil. I. Cohn, Sergio. II. Rezende, Renato.

16-37275 CDD: 079.81

CDU: 070(81)

21/10/2016 26/10/2016





agradecimentos

O que aqui se apresenta somente se tornou possível graças ao suporte da FAPERJ, através do edital Rio 450 Anos (em parceria com a Prefeitura do Rio) e do CPDOC/JB, amigo desde a primeira hora, que autorizou a pesquisa e a reprodução das páginas originais. Dedicamos o presente trabalho a todos que participaram na época da feitura do SDJB. Fique em registro um agradecimento especial a Eliane Lóss, por seu cuidado e carinho para com toda esta delicada e imprescindível matéria verbal, gráfica, artística e filosófica para a história e para a saúde do país.



O pequeno intervalo de tempo entre 1956 e 1961 foi um dos mais intensos em experiências e invenções culturais que o Brasil já presenciou, talvez só comparável aos anos heroicos do modernismo (1922-1930). Durante aquele período de pouco mais de cinco anos, o país viu florescerem iniciativas como o Cinema Novo, a Bossa Nova, a construção de Brasília e os atos crítico-constructivos em literatura e artes visuais, tais como o Concreto e o Neoconcreto.

antologia de um suplemento de invenção

Em todos esses casos, a produção artística vinha acompanhada de uma profunda reflexão sobre a arte e o seu papel na sociedade contemporânea, e por uma atualização do conhecimento da história da cultura brasileira e internacional. Não é de se espantar, portanto, que surgissem naquele momento importantes revistas e suplementos culturais, que serviram de base de divulgação e debate crítico e propositivo. Mais importante ainda, que fossem publicações com forte caráter de manifesto e com interesses por diferentes





áreas da cultura, não se restringindo a um público de especialistas. Aquelos foram anos que estimularam o diálogo profícuo e a contaminação entre as linguagens artísticas. No começo da década de 1950, já havia aparecido revistas como *Habitat*, editada por Lina Bo e Pietro Bo Bardi, como uma publicação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, e *Noigandres*, do grupo de poetas paulistas formuladores da Poesia Concreta. Tudo isso acompanhado de grandes eventos, que colocaram o Brasil em contato com o que de mais vibrante estava ocorrendo nas artes internacionais, como a Bienal de São Paulo, criada em 1951, já com a participação de artistas de 25 países.

É nesse ambiente que surge na segunda metade da década de 1950 possivelmente os dois mais fortes suplementos de cultura que já foram publicados em nossos jornais. Em São Paulo, críticos saídos da seminal revista *Clima* foram chamados para conceber o projeto e editar o *Suplemento Literário do Estado de S. Paulo*. Antônio Candido, um dos mais significativos críticos literários do país, cria o projeto editorial do suplemento, e Décio de Almeida Prado, importante pensador de teatro, fica com o cargo de editor. O *Suplemento Literário* mantém o espírito da *Clima*, constituindo um veículo basicamente voltado para a reflexão crítica, sendo, de certa forma, o oposto ao espírito do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, que surge no Rio de





Janeiro naquele mesmo ano de 1956, trazendo Reynaldo Jardim como editor.

O *SDJB* logo mostraria ser prioritariamente um espaço cultural-interventivo, assumindo posições vanguardistas não apenas no conteúdo como também na forma, na diagramação inovadora criada por Amílcar de Castro que se consolidaria nos anos seguintes. Se o projeto gráfico do *Suplemento Literário do Estado de S. Paulo* era, como diz o seu criador Ítalo Bianchi, “uma diagramação inovadora e austera”, já trazendo ilustrações autônomas de grandes artistas, mas mantendo o padrão de colunas e espaços gráficos de um jornal, Amílcar criou para o *SDJB* uma verdadeira ruptura na paginação de um jornal, sendo considerado um dos mais admiráveis trabalhos de design gráfico já realizado no país.

Ao lado do seu design inovador, o *SDJB* tornou-se uma referência por ter sido o mais intensivo veículo carioca de divulgação da arte e da poesia concreta, publicando manifestos, ensaios e poemas de alguns dos seus expoentes, e depois da ruptura que levaria para a criação do neoconcreto, que teve em suas páginas, a partir de 1958, a divulgação dos imprescindíveis *Manifesto Neoconcreto* e a *Teoria do Não-objeto*.

O *SDJB* não se restringiu a ser um espaço de debate propositivo e divulgação das experimentações culturais do seu tempo. A página de artes, escrita por Ferreira Gullar, e a página *Poesia Ex-*





periência, de Mário Faustino, foram fundamentais para uma leitura crítica e de divulgação de movimentos das vanguardas históricas, como, por exemplo, a apresentação pioneira de poetas dadaístas e surrealistas, com ensaios introdutórios e traduções primorosas de Mário Faustino e Ruy Costa Duarte. *Poesia Experiência* possibilitou também ao leitor a apresentação-de forma sistemática da poesia brasileira, de José de Anchieta até o Arcadismo (o projeto original de Faustino era seguir com a revisão histórico-genealógica até o modernismo, mas foi interrompido) e a apresentação das vanguardas literárias internacionais. Um esforço de delineamento paralelo ao que seria realizado por Ferreira Gullar em sua página de artes visuais, tratando, a cada semana, de diferentes movimentos artísticos internacionais. As duas páginas traziam textos de introdução e análises de impressionante consistência para autores então bastante jovens.

Para além da arte visual e da poesia, o *Suplemento* trazia colaboradores de grande qualidade em outras áreas da cultura, alguns em início de carreira, como é o caso de Glauber Rocha no cinema e Bárbara Heliódora no teatro. As matérias passam pelos diferentes eventos culturais daquele momento tão rico da cultura brasileira, contendo informações de primeira hora sobre obras como os primeiros filmes de Nelson Pereira dos Santos, que seriam uma das bases do Cinema Novo, e as propostas teatrais de Augus-





to Boal. O *Suplemento* também estava atento a acontecimentos culturais outros, como o Gráfico Amador (coletivo de livros artesanais de Recife), formado por nomes como Aloísio Magalhães e Gastão de Hollanda, e, ainda, *Senhor*, a revolucionária revista mensal com desenho gráfico de Carlos Scliar e Glauco Rodrigues. O *SDJB* também produziu traduções de grandes pensadores e críticos de arte da época, alguns ainda pouco conhecidos, como é o caso do texto sobre Kafka de Maurice Blanchot ou a publicação de ensaios sobre cibernética e tantos outros.

Entre 1956 e 1961, o *SDJB* publicou cerca de duas mil páginas, com conteúdos de diversas naturezas: ensaios, traduções, resenhas, manifestos, ilustrações, reproduções. Portanto, seriam possíveis diferentes recortes para antologias.

Escolhe-se aqui, para a presente reunião, o *Suplemento* como veículo de intervenção radical na arte e na cultura brasileiras, especialmente no tange as artes plásticas e visuais, a literatura, o cinema, o teatro, a arquitetura e outras tantas áreas da vida do pensamento criador entre nós.

Para além da grande qualidade dos textos publicados no *SDJB*, consideramos de vital importância demonstrar o contexto criado pelo *Suplemento* para debate e intervenção cultural, o diálogo entre o desenho gráfico e o conteúdo e o impacto que um dispositivo de mídia pode exercer nas experiências artísticas do momen-





to. Para isso, a reprodução fac-similar das páginas selecionadas do *Suplemento*, que precisam ser entendidas como obra específica e não apenas como veículo de conteúdos.

A presente obra consiste em um empenho necessário e prazeroso por expor e demonstrar a importância bem como a incontornabilidade de um de nossos mais valiosos acervos da cultura brasileira contemporânea. Trata-se da gesto decidido, político e amoroso com vistas a trazer à conversa e ao exame de hoje este pequeno.grande.museu que emergiu de um momento em que o jornalismo soube unir-se à vitalidade da cultura e da arte – do pensar crítico; momento de ações de afirmativos e germinantes que (sim e sim!) possam retornar.





a experiência sdjb

Em pouco mais de dois anos, um suplemento de cultura transformou um jornal de serviços em um dos mais importantes veículos de formação e de informação do país. Em 1956, o *Jornal do Brasil* era formado quase que exclusivamente de classificados e anúncios, com apenas algumas matérias intercalando as páginas, todas elas reproduzidas da Agência Nacional. Foi então que surgiu a proposta de um suplemento cultural, a ser elaborado por uma redação própria, tendo como editor o jornalista e poeta Reynaldo Jardim, então com 30 anos, e que assim recorda como surgiu o projeto: “entrei no *Jornal do Brasil* em 1953. Fazia um programa de rádio quando entrei, chamado *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*. Era sobre crítica literária e poesia. A Condessa Pereira Carneiro, dona do jornal e uma pessoa muito sensível, ouvia o programa e me convidou para fazer uma coluna aos domingos no *Jornal*, sobre literatura. Coloquei o nome de *Literatura Contemporânea*. Eram notas e pequenas entrevistas. Em um mês, tomei conta da página. E em uns três meses, tomei conta do caderno. Então, o caderno passou a se chamar também *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*”.





A primeira edição do *Suplemento Dominical* foi lançada em 3 de junho de 1956; segundo o próprio Jardim, “Não saiu nenhum primor. A oficina do *JB* era muito precária e o interesse era a conquista e a manutenção do espaço, dando início a um processo de aperfeiçoamento gradativo.” Se no primeiro momento a preocupação de Reynaldo era conquistar um espaço no jornal para a cultura, assim que consolidou o caderno ele saiu em busca de colaboradores. Aos poucos, foi fechando um elenco de primeira qualidade, alguns mais experientes, como o crítico de artes visuais Mário Pedrosa, e outros ainda jovens, como Mário Faustino, José Carlos Oliveira, Barbara Heliodora, Jânio de Freitas, Ferreira Gullar.

O *Suplemento* começou a ter algumas páginas fixas, como a de artes visuais, editada por Ferreira Gullar e Oliveira Bastos, e a de poesia, editada por Mário Faustino com o nome de *Poesia Experiência*. Ferreira Gullar, em conversa com Miguel de Almeida, lembra como foi convidado pelo *Suplemento*: “Quando o Reynaldo criou o *Suplemento*, ele chamou o Oliveira Bastos, que era meu amigo e me chamou. Ele convidou algumas pessoas pra ficarem como colaboradores permanentes e eu fiquei fazendo a parte de artes plásticas. Chamou o Mário Faustino pra fazer a parte de poesia. Isso ainda em 1956. E nessa altura começa o negócio da poesia concreta. Os concretistas se relacionavam com o Reynal-





do e comigo, e propuseram que o *Suplemento* se transformasse no veículo do movimento da nova poesia. O Reynaldo é poeta também, e também participou do movimento da poesia concreta, fez uma série de poemas concretos. O *Suplemento* se tornou o veículo do movimento”.

A aproximação com os poetas concretos foi fundamental para o tom vanguardista que o *Suplemento* adotaria nas edições seguintes. A partir de agosto de 1956, o *SDJB* começa a publicar grandes ensaios sobre a poesia contemporânea, algumas vezes no curioso formato de “livro de ensaio”, uma página semanal com diagramação imitando a de um livro. Os ensaios, alguns mais analíticos e outros com teor de manifestos, de autores como Oliveira Bastos, Haroldo e Augusto de Campos, entre outros, vão constituindo uma base teórica para o ato-movimento concreto. Em 23 de fevereiro de 1958, o *SDJB* publica uma edição comemorativa de um ano da poesia concreta, com textos e poemas dos seus expoentes.

O *Suplemento* não se restringia, entretanto, ao ato-movimento concreto. As colaborações eram diversas e cada vez mais qualificadas. Nomes já consagrados, como Clarice Lispector, Antonio Houaiss e Millôr Fernandes, e jovens como Benedito Nunes, José Guilherme Merquior e Sergio Paulo Rouanet passavam por suas páginas. Embora a renovação gráfica ainda estivesse no início, em 1958 as páginas já conquistavam um desenho mais leve, com espaços em brancos





e colunas variáveis. E o *SDJB* já era considerado o grande caderno de cultura em atividade no Brasil. No aniversário de um ano do *Suplemento*, Manuel Bandeira declara: “O *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* veio revelar a capacidade jornalística do jovem poeta Reynaldo Jardim, criando no gênero uma autêntica novidade, do ponto de vista de sua aparência gráfica. É atualmente o suplemento mais atraente, mais original, mais vivo da imprensa. Sente-se nele o calor, a força, o entusiasmo, o idealismo da mocidade. Não só o leio, como o coleciono”.

O *Suplemento Dominical* já havia demonstrado ser uma iniciativa vencedora para a Condessa Pereira Carneiro, dona do *Jornal do Brasil*. Com o *Suplemento*, ela conquistou retorno financeiro e prestígio frente à sociedade, percebendo que se estendesse a reforma para todo o jornal, o ganho seria ainda maior. Em 1958, começa o trabalho de reforma gráfica do *Jornal do Brasil*, que contava então com Odylo Costa Filho como seu editor geral. Segundo Gullar, “Foi o *suplemento* que inspirou a renovação do jornal e não o contrário. Como a Condessa não conhecia jornalista, chamou o Odylo Costa Filho. Só que o Odylo não era jornalista de banca de jornal, era um comentarista político. Ele não entendia de jornal, nunca havia trabalhado como secretário de redação, chefe de redação, chefe de reportagem. Nunca foi nem repórter de jornal. Ele não tinha como renovar nada, porque não era jornalista de





cozinha de jornal”. A redação do jornal contava então com Gullar, Jânio de Freitas e o artista visual Amílcar de Castro, todos os três vindos de uma experiência de reforma gráfica na revista *Manchete*, inspirada na revista *Paris Match*. O resultado era uma paginação mais limpa, valorizando os espaços em branco, o que também ocorreria no *Jornal do Brasil*.

Nas duas situações de trabalho, Jânio de Freitas teve o papel central de capitanear as mudanças: “Pouco a pouco o Jânio foi induzindo o Amílcar a fazer uma paginação que valorizava o espaço vazio, o branco, a tirar as linhas que separam as colunas, pra dar uma respiração, uma limpeza na página. Hoje todos os jornais são assim, mas não eram. Era tudo com linha separando as colunas”, lembra Gullar. Segundo Amílcar, “A impressão do *Jornal do Brasil* era péssima. Então, uma das providências que eu tomei foi tirar tudo que é negativo e fio. Tudo que não era essencial à leitura, tirava para clarear um pouco o jornal, para dar mais força à matéria escrita”.

Em entrevista para Márcio Sampaio, em 2001, Amílcar de Castro conta como fez a reforma gráfica do *JB*: “Eu vinha do trabalho na revista *Manchete*, que era paginada na horizontal, de duas em duas páginas. No jornal teria de ser diferente: passei a considerá-lo como um espaço vertical. A página do jornal é mais alta do que larga. Precisei de um certo tempo para me adaptar a essa virada do espaço. Então comecei





a pensar como solucionar as marcas permanentes, como o nome do jornal; também manchetes em oito colunas, títulos, fotos, que eram estampados no topo do jornal, muito pesado com relação à parte inferior que não tinha nada. Propus então colocar a manchete em cima. Os títulos e as chamadas seriam abaixados para compensar o peso de cima. Comecei a modelar a página do jornal aplicando os princípios da escultura, dando peso igual à parte de cima e embaixo. O *JB* tinha, como tem hoje, oito colunas. Fiz uma base de paginação propondo o esquema 1-2-1-3-1. O três era sempre ocupado por uma foto, uma na parte superior, outra na parte inferior, e uma cortando no meio. Jogava, então, para baixo, chamadas de três colunas e três linhas. Assim, distribuía o peso da página, valorizando cada um das partes com a mesma força.”

Como resultado, o *Jornal do Brasil* se torna cada vez mais uma referência de qualidade e invenção, resultando no aumento de venda. “O sujeito começou a esperar o jornal como uma novidade. Então isso deu ao *JB* uma grande força. O que repercutiu não só no pessoal da redação, do jornal mesmo, mas da oficina inclusive, que começou a aderir ao jornal novo. Até o chefe da oficina mandou um pintor que era gráfico pintar uma página de dois metros na parede”, lembra Amílcar.

Durante o processo de reforma, ocorreram muitos embates entre os editores do *SDJB* e Odylo Costa Filho, o editor geral do *Jornal do Brasil*: o





uso de branco nas páginas do *SDJB* começa a ser considerado desperdício por parte da administração do jornal. A partir de meados de 1959, o *SDJB* começa a circular no sábado. Reynaldo Jardim explica: “O *Suplemento* enfrentou uma crise. A crise do papel. Domingo, a tiragem do jornal é maior – lógico, consome mais matéria prima. A ordem da direção é passar o dominical para sábado”. Em consequência, algum tempo depois a logo do *Suplemento Dominical* é alterada, ficando apenas as iniciais *SDJB*: “Resolvi então mudar a logomarca. Aquele dominical para um veículo que passou a circular no sábado era irritante. Transformei o nome numa sigla: *SDJB*. Aliás, era assim que nosso suplemento já vinha sendo chamado”.

A reforma gráfica e a postura propositiva do jornal encontra seu ápice em 21 de março de 1959, quando uma edição especial do *SDJB* apresenta a *Experiência Neoconcreta*. São oito páginas de manifestos, ensaios e reproduções de obras, diagramadas com uma liberdade inédita na imprensa brasileira. Segundo Gullar, “Em 1959, quando fomos lançar o Movimento Neoconcreto, teve um número dedicado no *Suplemento*. Reynaldo chamou Amílcar, que fazia parte do Movimento Neoconcreto e era escultor, para fazer esse número. Reynaldo também participava do movimento. Então o Amílcar fez aquela capa, que hoje é famosa, ‘*Experiência Neoconcreta*’. Aquele negócio. E paginou também den-





tro, com aquelas colunas compridas. O Amílcar fez esse número. E a partir dali o Reynaldo passou a fazer a página do *Suplemento Dominical* dentro daquele esquema. E o Reynaldo é muito talentoso, e inclusive começou a inovar aquilo, começou a fazer coisas mais audaciosas do que o Amílcar tinha feito. Começou a fazer as coisas mais loucas, de espaços em branco, colunas cortadas e tal. O ponto de partida é o Amílcar, mas o Reynaldo começou a usar a paginação, criando as opções dele”.

Nos dois anos seguintes, o SDJB viveria seu auge. O debate em torno do Neoconcreto realiza-se de forma permanente em suas páginas, trazendo a presença constante de nomes como Hélio Oiticica, Lygia Pape e Lygia Clark. A paginação faz-se cada vez mais livre e original, acompanhando o clima de invenção que permeava o ambiente de cultura da época. Textos seminiais, como a *Teoria do Não-objeto* de Ferreira Gullar e o *Uma situação colonial?*, de Paulo Emílio Salles Gomes, são publicados. Até que: em 29 de maio de 1960, sai a última edição do *SDJB* em formato grande. No número seguinte, aparece em formato tabloide, trazendo uma brilhante entrevista com Hélio Oiticica. Um mês depois: o *SDJB* é extinto.





bibliografia

ALMEIDA, Miguel de. *A Língua Tece a Teia. Entrevista com Ferreira Gullar*. Realizada em 2013. Inédita.

BASTOS, Daniel Trench. *Tentativa e Erro - A Reforma Gráfica do Jornal do Brasil e a Construção do SDJB*. Dissertação. ECA-USP. 2008.

FAUSTINO, Mário. *Poesia Experiência*. Organização de Benedito Nunes. Perspectiva, 1977.

GULLAR, Ferreira. *Experiência Neoconcreta - Momento-limite da Arte*. Cosac Naify, 2007.

JARDIM, Reynaldo. *Sangradas Escrituras*. Retaguarda, 2012.



sumário

CADERNO 1

- 3 de junho de 1956 – pg 1
- 1 de julho de 1956 – pg 5
- 5 de agosto de 1956 – pg 1
- 23 de dezembro de 1956 – pg 5

CADERNO 2

- 5 de agosto de 1956 – pg 10
- 12 de agosto de 1956 – pg 6
- 7 de outubro de 1956 – pg 5
- 11 de novembro de 1956 – pg 5

CADERNO 3

- 11 de novembro de 1956 – pg 9
- 13 de janeiro de 1957 – pg 6
- 10 de fevereiro de 1957 – pg 5
- 10 de fevereiro de 1957 – pg 9

CADERNO 4

- 17 de fevereiro de 1957 – pg 3
- 17 de fevereiro de 1957 – pg 6
- 22 de abril de 1957 – pg 6
- 29 de abril de 1957 – pg 6

CADERNO 5

- 3 de março de 1957 – pg 3
- 8 de setembro de 1957 – pg 1
- 10 de março de 1957 – pg 3
- 26 de janeiro de 1958 – pg 3





CADERNO 6

8 de setembro de 1957 – pg 3
7 de setembro de 1958 – pg 7
29 de setembro de 1958 – pg 3
11 de janeiro de 1959 – pg 4

CADERNO 7

24 de fevereiro de 1958 – pg 1
24 de fevereiro de 1958 – pg 2
24 de fevereiro de 1958 – pg 4
24 de fevereiro de 1958 – pg 5

CADERNO 7

3 de março de 1957 – pg 5
17 de maio de 1957 – pg 3
17 de maio de 1957 – pg 4
23 de junho de 1957 – pg 1

CADERNO 9

1 de setembro de 1957 – pg 8
1 de setembro de 1957 – pg 9
31 de agosto de 1958 – pg 1
21 de dezembro de 1958 – pg 3

CADERNO 10

17 de janeiro de 1959 – pg 1
31 de janeiro de 1959 – pg 1
7 de fevereiro de 1959 – pg 3
21 de fevereiro de 1959 – pg 1

CADERNO 11

21 de fevereiro de 1959 – pg 4
7 de março de 1959 – pg 1





14 de março de 1959 – pg 1

4 de abril de 1959 – pg 4

CADERNO 12

14 de março de 1959 – pg 4

14 de março de 1959 – pg 5

4 de abril de 1959 – pg 1

11 de abril de 1959 – pg 1

CADERNO 13

21 de março de 1959 – pg 1

21 de março de 1959 – pg 2

21 de março de 1959 – pg 7

21 de março de 1959 – pg 8

CADERNO 14

21 de março de 1959 – pg 3

21 de março de 1959 – pg 4

21 de março de 1959 – pg 5

21 de março de 1959 – pg 6

CADERNO 15

18 de abril de 1959 – pg 1

25 de abril de 1959 – pg 4

9 de maio de 1959 – pg 8

18 de julho de 1959 – pg 3

CADERNO 16

23 de maio de 1959 – pg 1

20 de junho de 1959 – pg 6

4 de julho de 1959 – pg 1

19 de setembro de 1959 – pg 1





CADERNO 17

8 de agosto de 1959 – pg 1
25 de julho de 1959 – pg 4
25 de julho de 1959 – pg 5
14 de novembro de 1959 – pg 1

CADERNO 18

21 de novembro de 1959 – pg 3
21 de novembro de 1959 – pg 5
28 de novembro de 1959 – pg 1
12 de dezembro de 1959 – pg 1

CADERNO 19

19 de dezembro de 1959 – pg 1
30 de janeiro de 1960 – pg 4
30 de janeiro de 1960 – pg 5
13 de fevereiro de 1960 – pg 4

CADERNO 20

27 de fevereiro de 1960 – pg 1
27 de fevereiro de 1960 – pg 4
27 de fevereiro de 1960 – pg 5
12 de março de 1960 – pg 5

CADERNO 21

2 de julho de 1960 – pg 1
26 de março de 1960 – pg 4
26 de março de 1960 – pg 5
23 de julho de 1960 – pg 5

CADERNO 22

17 de julho de 1960 – pg 1
2 de abril de 1960 – pg 4





2 de abril de 1960 – pg 5

21 de maio de 1960 – pg 6

CADERNO 23

6 de agosto de 1960 – pg 3

17 de setembro de 1960 – pg 6

8 de outubro de 1960 – pg 3

15 de outubro de 1960 – pg 1

CADERNO 24

22 de outubro de 1960 – pg 1

12 de novembro de 1960 – pg 1

26 de novembro de 1960 – pg 1

26 de novembro de 1960 – pg 3

CADERNO 25

26 de novembro de 1960 – pg 5

26 de novembro de 1960 – pg 6

26 de novembro de 1960 – pg 8

24 de agosto de 1958 – pg 3

CADERNO 26

3 de dezembro de 1960 – pg 3

10 de dezembro de 1960 – pg 3

17 de dezembro de 1960 – pg 1

17 de dezembro de 1960 – pg 3

CADERNO 27

31 de dezembro de 1960 – pg 8

17 de dezembro de 1960 – pg 4

17 de dezembro de 1960 – pg 5

31 de dezembro de 1960 – pg 3





CADERNO 28

7 de janeiro de 1961 – pg 3

11 de fevereiro de 1961 – pg 3

18 de fevereiro de 1961 – pg 3

22 de abril de 1961 – pg 1

